

Experiência Estética

Por Simone Cintra

A palavra **diálogo**, segundo a definição encontrada nos dicionários, é sinônimo de **conversa**: uma fala alternada entre duas ou mais pessoas. Sua origem é grega:

dia = através, logos = palavra/sentido

Porém, em se tratando da **experiência estética**, ou seja, *“da nossa experiência face a determinados objetos que percebemos e sentimos como belos”* (Duarte Jr., 1991, p.9), o diálogo ocorre sem a presença de um interlocutor, dando-se entre **uma pessoa e os seus próprios sentimentos**.

A beleza não está no objeto observado e nem em quem o observa. Está na **relação** entre ambos. A experiência do belo é um tipo específico de relação que mantemos com o mundo. O espectador diante da obra dialoga com os seus sentimentos e, num ir e vir de sensações, imagens, memórias, encontra-se consigo mesmo.

A **experiência prática**, aquela do dia-a-dia, pode ser considerada algo oposta à **experiência estética**, pelo seu pragmatismo e utilitarismo. Nossa maneira de perceber o mundo, desde o nosso nascimento, dá-se primeiramente por meio dos estímulos que nossos sentidos captam, por meio de como sentimos nossas vivências. Com o aprendizado da língua, sentimos e rapidamente ordenamos, classificamos, nomeamos os nossos sentimentos. **O que ocorre, normalmente, é que nossa vivência cotidiana tem muita pressa em colocar cada coisa em seu devido lugar e nos priva do sabor do sentimento e das sensações.**

Vivemos em uma sociedade em que a palavra *sentimento* não é bem vista. Especialmente, quando se trata de coisas sérias como educação e trabalho. Parece que sentir é sinônimo de fraqueza, de bobagens. O importante, para o indivíduo é que ele pense, use sua capacidade intelectual sem perder tempo com sentimentalismos.

Enquanto uma **atitude humana racional** pressupõe um certo equilíbrio entre razão e sentimentos, o **racionalismo** diz respeito a uma submissão extrema e mesmo a uma repressão das manifestações do sentimento. (Duarte Jr., 1991, p.38)

Desatolar os pés da vida cotidiana, conseguir despregar-se do mundo visível, concreto, rumo a imagens irreais que muito falam da realidade subjetiva de cada um, é, ao mesmo tempo prazeroso e vital. E a arte pode ser a porta de entrada para essas verdades que, “fantasiadas de mentiras”, chegam ao espectador.

Podemos concluir, portanto, que a nossa sociedade de tão racionalista está se tornando irracional.

Referências:

- DUARTE Jr., João-Francisco. Por que arte-educação?. 8a ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- _____. Fundamentos estéticos da educação. 4a ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- _____. O que é beleza (Experiência estética). 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- POMPÉIA, João Augusto - Arte e Existência. III Bienal Nacional de Santos - Artes Plásticas, 1991 (mimeo).
- Profa. MSc. Simone Cintra é professora dos Cursos de Pedagogia e Normal Superior além de gestora do Projeto Teatro do NAC – Núcleo de Arte e Cultura da UCB.